KARINE ROCHOLL

A escrita feroz, e por vezes cruel, sempre foi a sua imagem de marca de Elfriede Jelinek

Livros

Teatro

Falas de anjos sombrios

Cinco textos dramáticos e um posfácio: histórias de "princesas" que tentam lutar e afirmar a sua liberdade.
José Riço Direitinho

A Morte e a Donzela I / V
Elfriede Jelinek
(Trad. de Anabela Mendes)
Teodolito

★★★★★

Quando em 2004 a Academia Sueca atribuiu o Nobel de literatura à dramaturga e escritora austríaca Elfriede Jelinek (n. 1946), sublinhou o facto de as suas obras revelarem "o absurdo dos clichés da sociedade". A sua escrita feroz, e por vezes cruel, sempre foi a sua imagem de marca. Elfriede Jelinek não poupa as instituições da sociedade burguesa – à semelhança do que acontecia com outro austríaco, Thomas Bernhard – e também ela deixa transparecer para as suas obras a desapiedada e tensa relação identitária com a Áustria; para ela, nação retrógrada e reaccionária, um "cadáver em putrefacção" onde todos parecem ter esqueletos no armário à mistura com ódio aos estrangeiros e um passado ligado ao nazismo. A tudo isto junta ainda, e muito amiúde, uma arrepiante visão da posição das mulheres numa sociedade dominada pelos homens e pelos seus valores. Bastas vezes as suas análises acutilantes e irónicas atingem os pontos mais sensíveis do casamento e da relação amorosa. Ela desmascara a realidade de maneira brutal, expondo os labirintos do sexo e do desejo. A escritora tem várias obras traduzidas para português, entre elas os seus romances mais conhecidos: *Lust* (editorial Estampa, 1992) e *A Pianista* (ASA, 1994).

O volume A *Morte e a Donzela I / V* (subtítulo *Dramas de Princesas*) é um conjunto de cinco textos dramáticos e um posfácio escritos num registo ficcional que por vezes evoca os tradicionais "contos maravilhosos", as tais histórias de princesas e de príncipes que as resgatam: ora da morte ora de viverem a sua vida como querem e sonham. Estes textos agora publicados em livro foram traduzidos para um espectáculo estreado no Espaço Alkantara, em Dezembro de 2015, no Festival Temps d'Images. Na introdução assinada pela tradutora, Anabela Mendes, refere-se que é no "extremar de percursos existências em combate" que Jelinek dá espaço a "espectros". Estas "princesas" da autora austríaca – a Branca de Neve, A Bela Adormecida, Rosamunda, Jackie Kennedy, as poetisas Sylvia Plath e Ingeborg Bachmann e ainda Diana de Gales – são de facto "fantasmas", anjos sombrios que chegam de algures em busca da verdade e que querem apenas ser elas mesmas. Tendo vivido expostas ao esvaziamento foram destruídas na sua intimidade. Não esperam o príncipe encantado, e no fim acabam por descobrir a morte e as várias formas de incompatibilidade de serem aos olhos da sociedade contemporânea. Elas conhecem bem a fala do príncipe que traz de volta à vida A Bela Adormecida (é o segundo dos cinco "dramatículos"): "Eu sou o poder. Quem se opuser a mim, perde-se a si mesmo, exactamente ao fazer reivindicações. Ainda bem que a Menina percebeu que deve a sua existência exclusivamente a mim."

São vozes que chegam do lado de lá da vida. E as duas que regressam (Branca de Neve e A Bela Adormecida) tornam a morrer como resultado da sua busca: a primeira, por um caçador que não é a "verdade" que ela procura, e a segunda às mãos do príncipe. A "incompatibilidade", quase sempre apresentada num registo irónico e cáustico, ressalta como tema destes textos: entre beleza e verdade, entre alma e corpo, entre ser mulher e ser escritora. Estas princesas são postas na sociedade actual e vão descobrindo as limitações de serem princesas (sobretudo as limitações morais de serem mulheres): "Não me posso satisfazer de forma promíscua e ao mesmo tempo manter o respeito e o apoio da sociedade (esse flagelo) – pois sou mulher: portanto, uma das raízes da inveja face à liberdade dos homens."

Colocadas diante das incompatibilidades que resultam de uma imposição moral, tentam afirmar a sua liberdade. Debalde, pois no final acabam mortas. Também Rosamunda (uma princesa inventada por Hélmina de Chézy no século XIX) é morta pelo homem seu inimigo pouco depois do seu protesto clamoroso e das suas exigências: "Eu exijo de uma vez por todas que as mulheres assumam cada vez mais o direito de viverem a sua sexualidade. Eu exijo de uma vez por todas que as mulheres assumam em última instância o direito a viver. Se isso correu bem aos homens, também deveria correr bem às mulheres."

Sendo textos que foram escritos para serem representados num palco a sua leitura nem sempre é fácil, sobretudo a dos dois primeiros, a precisarem do suporte de uma encenação para serem apreendidos. Nos restantes, vai-se tornando óbvio um dos temas de alguns dos livros anteriores de Jelinek: a invisibilidade das mulheres, que apenas existem pelo olhar dos homens, as mulheres que devem ser jovens e bonitas.

Discos

Pop

A pop excursionista de Albarn na África do Sul

Vamos todos repetir e memorizar: BCUC, Sibot, Moonchild Sanelly, Nunko Phiri e Radio 123.
Gonçalo Frota

Vários
Egoli
Africa Express Records

★★★★★

Egoli é a designação em zulu de Joanesburgo. E é também o título escolhido para a mais recente expedição musical do projecto Africa Express, criado por Damon Albarn há 13 anos. A

DENHOLM HEWLETT

A mais recente expedição musical do projecto Africa Express, criado por Damon Albarn: *Egoli*